

## VÁRIA

### DISCURSO PRONUNCIADO PELO PROF. COSTA LOBO, COMO REPRESENTANTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, NA UNIVERSIDADE DE SALAMANCA

No banquete realizado na Biblioteca da Universidade de Salamanca, e a que presidiu o Sr. General Primo de Rivera, depois da oração do Reitor daquela Universidade, Sr. D. Enrique Esperabé, e tendo o Sr. Rodriguez Aniceto dado conta de adesões afectuosas, como a do professor Del Vecchio, Reitor da Universidade de Roma; quando o espírito que anima os estabelecimentos universitários estrangeiros, como o de Cambridge, Oxford, Berlim e Coimbra, já se havia manifestado em frases de grande consideração para o de Salamanca, usou da palavra o único homem de sciência estrangeiro que ali se encontrava, o Sr. Dr. Costa Lobo, fazendo o seguinte discurso :

«Há dezenas de anos que tenho a honra de tomar parte em assembleias espanholas, e nelas tenho ousado falar no belo idioma castelhano. Hoje, porém, lembrando os preciosos conceitos que tive a fortuna de ouvir quando o meu inolvidável amigo, e grande homem, que debaixo de todos os pontos de vista o foi, D. António Maura, se dignou honrar-me presidindo à conferência que me foi dado pronunciar na Real Academia de Jurisprudência sobre *as minhas teorias físicas e a correlação com os fenómenos biológicos e sociais*, julgo ser do meu dever, como homenagem àquele admirável espírito, falar nesta ocasião em português. De facto, ao pôr o problema peninsular, pela forma mais precisa e distinta, observava o sábio estadista que bem poderia eu (que ia falar em castelhano) falar em português, *porque las lenguas habladas por los dos pueblos eran igualmente comprendidas por ambos, y esse era el lazo que los unia, que los hacia hermanos, pues la lengua es el alcaide mas etereo, la esencia mas intima, mas castiça, mas genuina, mas derechamente emanada del alma de un pueblo*; e acrescenta a curiosa nota de que — *quando Dios quis dispresar los hombres, confundio las lenguas.*

«Pois se assim é, se de facto gozamos desta fortuna, é por assim dizer sòmente na pronúncia que os idiomas da península apresentam especiais singularidades, talvez porque o espanhol evolucionei mais nos alcantilados das montanhas, e seria preciso acentuar os tons para serem repercutidos pelos recôncavos das serras, enquanto que a língua portuguesa terá sido embalada pela suave melopeia das ondas do Oceano, onde os nossos antepassados viveram os seus melhores dias, eu penso neste momento de cordial confraternização, falando em português atendo áquelas saudosas observações e acentuo quanto são profundos os laços que unem os dois povos da península, com base exactamente no facto de possuírem línguas *que no los dispersan*, e demonstra que Deus os quiere unidos.

«MEUS SENHORES: — Absterme-ei de lamentar-me por não possuir as necessárias qualidades para falar em presença de um público tão distinto. Isso pertence aos oradores, e todos os espanhóis o são, atingindo os mais altos graus da perfeição e encanto; e agora só lembrarei, dos que ouvi, alguns dos que já recordamos com saudade, Castelar, Moret, Maura. Moret, que em Granada nos prendeu com o seu talento académico, que na nossa memória gravava indelêvelmente os seus conceitos; Maura, cheio de doçura e ao mesmo tempo de encantadora energia, que distilava dos seus lábios os mais profundos conhecimentos e as mais elevadas e úteis proposições. Contudo em nada me regozijo por não possuir êsse merecimento, embora a oratória sofra hoje, por vezes, vivos ataques, o que pode ser justificado pelo muito que tem perturbado as assembleias políticas, como já hoje observou o nosso ilustre presidente, aproveitada para a *camouflage* da verdade, e é certo que nas assembleias académicas será sempre altamente apreciada, como sendo o perfume da sciência. Hoje sobretudo eu sinto não poder dispor das mais belas frases para testemunhar o entusiasmo e enternecimento que sinto ao assistir aos grandiosos actos que estão tendo lugar nesta gloriosa Universidade em homenagem ao eminente homem de Estado e valoroso militar Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Estela, e para inauguração do novo ano académico, que anuncia um intenso labor científico; e também para significar o meu reconhecimento à generosa amizade, que tenho no mais alto aprêço, do meu ilustre amigo, douto e zeloso Reitor da Universidade de Salamanca, Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Enrique Esperabé, que com estas cerimónias marca uma data memorável nos anais desta célebre Universidade, estabelecendo sem dúvida a continuidade do século xvi, em que esta Universidade atingiu o mais intenso brilho, e do século xx,

em que o seu prestígio vai refulgir, espalhando a jorros a prodigiosa ciência com que a actualidade nos deslumbra.

«MEUS SENHORES:— A evolução no sentido da perfeição deve ser, seguramente, a máxima aspiração da Humanidade. Contudo não devemos esquecer que deverá sempre presidir a êste movimento o espírito conservador. Os acidentes tumultuosos, por vezes revolucionários, só podem ser efêmeros. São as tempestades que sobrevêm na atmosfera ionizada para a reporem no seu estado normal de equilíbrio.

«Ao mesmo tempo é lei que devemos respeitar a da conservação dos organismos. Porquanto se a destruição é fácil, e esta por assim dizer à mercê das mais insignificantes influências, nenhuma força existe para dar tradição ao que a não têm, para dar prestígio no passado ao que só desabrocha no presente. Poderão ser hoje lançadas à terra as sementes de originais e deslumbrantes plantas: só com séculos poderão atingir a grandeza dessas árvores majestosas que nos atestam o ilimitado poder da natureza.

«Ninguém, nem Deus, poderá fazer brotar carvalhos que nos lembrem as glórias do Povo Vasco, se os não formos produzir, recorrendo às raízes daquele carvalho histórico que hoje Guernica conserva como preciosa relíquia.

«Merecem, seguramente, desvelado carinho, profunda admiração, os jovens organismos intelectuais, pujantes de seiva e ardentes de entusiasmo científico; contudo, nunca nenhum dêles poderá desfrutar o prazer de ser uma Universidade de Salamanca, já nascida nos princípios do século xiii, florescente nos séculos xiv e xv, mundialmente afamada no século xvi, em que deslumbrou o mundo com o fulgor da sua ciência, a par de Bolonha, Paris e Oxford.

«É já hoje Madrid um centro científico notabilíssimo; será, sem dúvida, universalmente respeitado; porém, se a boa orientação persistir em Espanha, e tódia a confiança podemos ter em que assim sucederá, atendendo à admirável acção do soberano, que como el rei de Espanha, a quem respeitosa e saúdo, bem merece o carinho do seu povo e geral consideração, que aproveita todos os momentos para, com o maior zelo e inteligência, fazer realçar a nobre nação espanhola, acompanhado por um homem que tem demonstrado as mais brilhantes qualidades de talento, coragem e patriotismo, hoje aqui justamente homenageado, S. Ex.<sup>a</sup> o Marquês de Estela, digo, se a boa orientação persistir ao fim dêsse tempo também a Universidade de Salamanca será afamada, com a circunstância de merecer o respeito de mais alguns séculos de exis-

tência, vividos em épocas em que o valor científico era mais raro e por isso merecedor de maior apreço.

«E o que sinto por Salamanca, sinto-o por Coimbra, a quem devo tudo o que sou, centro científico contemporâneo dêste, e que se criou com o alento dos mesmos ideais, dos mesmos objectivos de grandeza científica, moral e religiosa, tendo estes dois centros intellectuais vivido sempre em estreita comunhão de pensamento, trocando os seus professores e alunos para mais força tomarem os laços de solidariedade científica e moral que os unia.

«É bem solene, por variados motivos, o momento que aqui estamos vivendo. Afirmar-se a glória do passado e o empenho de a fazer reviver com extraordinário brilho para prestígio do presente. A Universidade de Salamanca, que dispõe de valiosíssimos elementos intellectuais, vai renascer para o seu antigo esplendor e tornar-se há uma jóia formosíssima. Ao mesmo tempo será sempre uma relíquia preciosa a atestar a antiga grandeza dêste admirável povo, que há tantos séculos marca um lugar primacial!

«E, assim como confio em que Coimbra e Salamanca estreitarão cada vez mais os laços de cordialidade, faço também votos para que igual caminho sigam os dois povos, que da Península espalharam abundante luz por todo o orbe, quando ainda a maior parte da Europa apenas despertava, e hoje, como sempre, dispõem das poderosas forças que as suas raças têm em todos os tempos gloriosamente afirmado. Emfim, para que êste momento tenha seguimento, para que êstes meus votos tenham mais assegurada a sua realização, em nome da Universidade de Coimbra, que tenho a honra de representar, e com as mais distintas saudações para o nosso ilustre presidente, e a segurança dos meus mais carinhosos sentimentos para os meus sábios colegas, tomarei a liberdade de propor que seja oportunamente adoptada a resolução de fazerem as Universidades da Península, periodicamente, peregrinações científicas, alternadamente às Universidades de Salamanca e Coimbra, com a intensão de honrar estas irmãs mais velhas e contribuir para que adquiram a maior intensidade as relações científicas e cordiais entre os nossos meios universitários».

---